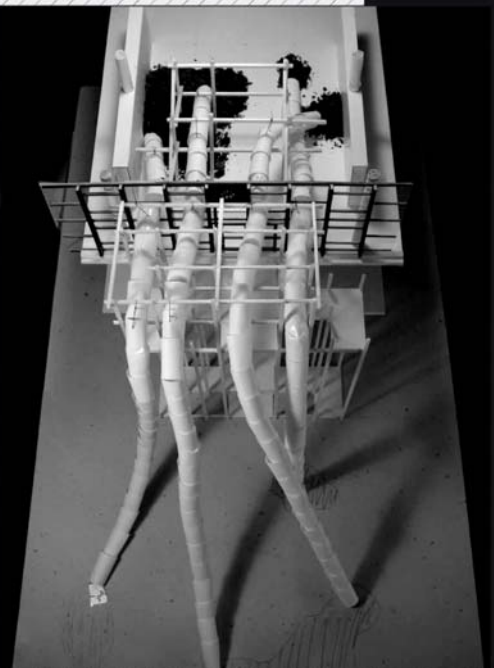


ENTRADA DE EMERGÊNCIA

EMERGENCY
ENTRY



PEDRO BANDEIRA

REPRESENTAÇÃO OFICIAL PORTUGUESA
6ª BIENAL INTERNACIONAL
DE ARQUITECTURA
DE SÃO PAULO
VIVER NA CIDADE
REALIDADE ARQUITECTURA E UTOPIA

22/10 - 11/12 / 2005

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO
PAVILHÃO CICCILLO MATARAZZO
PARQUE IBIRAPUERA, PORTÃO 3
SÃO PAULO, BRASIL

ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO

 Instituto das Artes  MINISTÉRIO DA CULTURA

PATROCÍNIO OFICIAL

 **Banco Banif**
Banif - Banco Internacional do Funchal (Brasil), S.A.



REPRESENTAÇÃO OFICIAL PORTUGUESA
6ª Bienal Internacional de Arquitectura de São Paulo

ENTRADA DE EMERGÊNCIA
ARQUITECTO PEDRO BANDEIRA

22 Outubro - 11 Dezembro 2005
Fundação Bienal de São Paulo
Pavilhão Ciccillo Matarazzo
Parque Ibirapuera, Portão 3
São Paulo, Brasil

Organização e produção
INSTITUTO DAS ARTES / MINISTÉRIO DA CULTURA

ENTRADA DE EMERGÊNCIA

Intervenção
Pedro Bandeira
Colaboração de Dulcineia dos Santos

Coordenação
Gabinete de Arquitectura e Design do
Instituto das Artes
Manuel Henriques, Alexandra Cruz

Comunicação
Gabinete de Comunicação do Instituto
das Artes
Inês Lamim, Susana Neves, Helena
Garrett

Design gráfico
Luisa Ribas DEF DESIGN

PATROCINADOR OFICIAL



Banif - Banco Internacional do Funchal (Brasil), S.A.

Mais informações
Gabinete de Comunicação
Inês Lamim ilamim@iartes.pt | Tel. +351 21 382 5200

www.iartes.pt/bia2005

DOWNLOAD DE DOSSIER DE IMPRENSA E DE IMAGENS EM ALTA RESOLUÇÃO

INSTITUTO DAS ARTES

Director
Paulo Cunha e Silva

Subdirectoras
Maria de Assis, Margarida Veiga

Departamento de Apoio à Criação e
Difusão
Gabriela Cerqueira

Departamento de Descentralização e
Formação de Públicos
Paulo Carretas

Departamento de Gestão e Apoio
Técnico
Jorge Campino

Gabinete de Internacionalização
Adelaide Tchen

- ▶ **ENTRADA DE EMERGÊNCIA** é a intervenção que representa oficialmente Portugal na 6ª Bienal Internacional de Arquitectura de São Paulo, comissariada pelo arquitecto Pedro Bandeira e organizada pelo Instituto das Artes do Ministério da Cultura.

Entrada de Emergência será apresentada de 22 de Outubro a 11 de Dezembro de 2005 na Fundação Bienal de São Paulo, integrada nas representações nacionais da Bienal, cuja 6ª edição é subordinada ao tema "Viver na Cidade - Realidade - Arquitectura - Utopia".

- ▶ **SAÍDA DE EMERGÊNCIA**

Todos passamos por situações que exigem uma saída de emergência. Nesse contexto, esta saída não é a saída dos fundos. Bem pelo contrário, ela é uma saída nobre. Tem que ser rápida e eficaz, ou seja, tem que ter um rendimento máximo. Na saída de emergência não pode haver lugar para devaneios entrópicos. Ela tem que estar lá, bem sinalizada, e permitir uma evacuação rápida. Tem que cumprir a sua função como estrutura de passagem sem atrito. Por isso ela é também política, na sua natureza mais radical, a natureza da polis.

A representação portuguesa na Bienal de Arquitectura de São Paulo (da responsabilidade do Instituto das Artes) procurava uma saída de emergência. E, como acontece em todos os tratados da evidência, ela já lá estava à nossa espera. O espaço destinado a Portugal tinha sido colocado junto a uma saída de emergência do pavilhão Matarazzo. Em vez de nos queixarmos, e negociarmos outro espaço com a organização, decidimos assumir esse condicionamento "site specific" e fazer dele uma metáfora. Bem vistas as coisas, o tema da bienal era "Viver na Cidade" e viver numa cidade como São Paulo exige uma particular sensibilidade a esta questão.

O triângulo era perfeito: o contexto, o espaço e o tema. Faltava encontrar o representante que desse corpo a esta ideia. Mas também aí a solução se revelou como uma evidência. O arquitecto Pedro Bandeira tem desenvolvido um conjunto de trabalhos utópicos e parautópicos quer sob o ponto de vista conceptual, quer sob o ponto de vista das propostas formais, que o tornavam numa "entrada de emergência". Tema que ele oportunamente discute como contraponto ao nosso desafio ao propor que numa cidade com estas características sair pode querer dizer entrar. Por isso, o seu projecto ao trabalhar a reversibilidade entre fora e dentro, através da deslocação de terra do exterior para o interior, se configura como o quarto vértice (o vértice utópico) que transforma a ambiguidade do triângulo na clareza do rectângulo.

Paulo Cunha e Silva

ENTRADA DE EMERGÊNCIA por Pedro Bandeira

No texto de apresentação da 6ª Bienal Internacional de Arquitectura de São Paulo podemos ler: *“A cidade que não possua utopias para nortear o seu desenvolvimento dificilmente conseguirá crescer de uma forma harmoniosa. A arquitectura está entre ambos, se propondo fazer a ponte de ligação entre a realidade e a utopia”*.

A instalação “Entrada de Emergência”, concebida para o espaço da representação portuguesa da Bienal, resulta da associação entre o conceito de «ligação» e a casualidade de no mesmo espaço ter sido colocada uma saída de emergência não contemplada no projecto original do edifício de Óscar Niemeyer.



As saídas de emergência são, supostamente, a ligação mais curta entre «interior» e «exterior» o que no contexto da Bienal poderá enfatizar a ambição de aproximar a «utopia» da «realidade» ou a realidade da utopia (dependendo do sentido da ligação). No entanto, as saídas de emergência são quase sempre ligações efémeras, cuja função se justifica apenas em caso de «acidente». Numa sociedade cada vez mais tomada por medos, a dependência da «prevenção» justifica o paradoxo de “ao se inventar o barco se estar, simultaneamente, a inventar o naufrágio”.

Tal como Niemeyer, Le Corbusier não pensou em «saídas de emergência» para a Capela de Ronchamp, pelo menos a julgar pelos padrões actuais de segurança: no início de Março deste ano estava a ser fixada sinalética de emergência (caixas de acrílico com autocolante verde) nas portas de um edifício cuja única coisa que tem para arder é betão armado. Aparentemente, já nem os católicos acreditam na protecção divina; afinal não é para dentro da igreja que se corre em caso de acidente? A sinalética não deveria ser antes colocada no exterior do edifício?

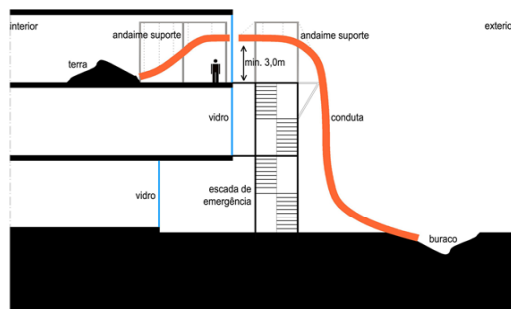
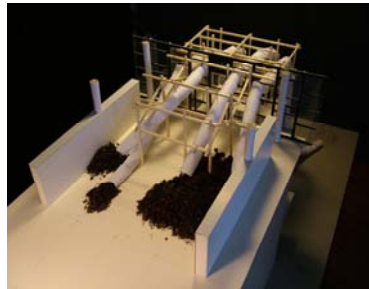
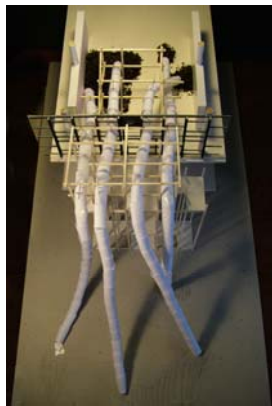
Os alçados de vidro do edifício da Bienal evocam, dentro do imaginário modernista, uma vontade de dissipar a dicotomia interior/exterior. Paradoxalmente, a desmaterialização do alçado numa pele quase invisível, não invalidou a existência das saídas de emergência que encontramos no edifício. Diversas metáforas poderão ser construídas a partir desta situação: uma primeira evoca as contradições e dificuldade que a arquitectura modernista (utópica por excelência) encontrou no confronto com as diferentes realidades sociais “exteriores”, o que leva a questionar a “transparência” do alçado; uma segunda metáfora, refere-se especificamente ao facto de uma das portas de «saída de emergência» estar localizada na sala portuguesa, podendo esta representar a diáspora que tem atingido recentes gerações de emigrantes brasileiros que procuram em Portugal Comunitário a sua sobrevivência. Uma terceira metáfora, claramente mais optimista, refere-se ao enunciado da própria Bienal, “a arquitectura é o que está entre utopia e realidade” é, portanto, a «saída de emergência».

/...

ENTRADA DE EMERGÊNCIA

.../

No entanto, com a instalação «Entrada de Emergência» pretende-se inverter o sentido da emergência. Se a “saída” era o percurso da utopia “interior” à realidade “exterior”, a “entrada” será o percurso da realidade à utopia: qualquer coisa como voltar a crer na protecção “interior” de Ronchamp. Neste sentido, e apenas neste sentido, «Entrada de Emergência» será um projecto que privilegia o risco e a experimentação inerentes à utopia em prejuízo do medo e do pragmatismo (tantas vezes frio e desumano) que caracteriza a sociedade ocidental. Mas esta não será uma utopia desvinculada ingenuamente da realidade, a sua ligação estará enfatizada por uma reivindicação de desejo que não pode ser exclusiva do arquitecto: o “exterior” terá que contaminar o “interior”; e nesse sentido “entrar” torna-se emergente.



Entrada de emergência
imagens: Pedro Bandeira

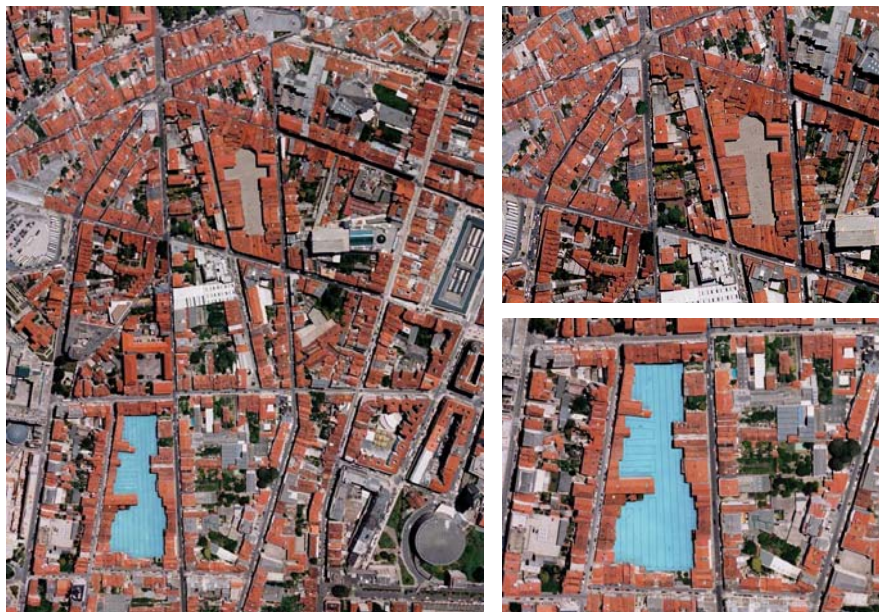
A instalação «Entrada de Emergência» será constituída por 4 condutas, normalmente usadas para despejo de entulho de obras, fixadas a uma estrutura de andaimes de forma a simular a ligação entre o exterior e o interior. Para enfatizar o sentido de entrada as condutas deverão “aspirar”, ao contrário de “despejar”. Consequentemente, vamos encontrar no espaço da representação nacional pedaços de terra com plantas do jardim exterior ao edifício da Bienal. Pretende-se que a paisagem urbana deixe de ser mera cenografia emoldurada pelos caixilhos do alçado para passar a ser interveniente no espaço da Bienal.

Pedro Bandeira, arquitecto

Pedro Bandeira

Pedro Bandeira (1970) é licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (1996). Em 2000, concluiu o mestrado Metropolis da Universidad Politècnica da Catalunya (dirigido por Ignasi de Solà-Morales), com a tese *“Apenas o Mundo, Hoje, Onde as Revoluções são Impossíveis - da ilusão à desilusão de imaginários de pouca arquitectura entre os anos 60 e 90”*. É, desde 1998, docente da disciplina de Projecto, do 4º ano, no Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho. A par do desenvolvimento de tese de doutoramento sob o tema *“Arquitectura como Imagem”* tem dedicado parte da sua actividade profissional ao desenvolvimento de *“projectos específicos para um cliente genérico”*. Foi um dos arquitectos/artistas participantes na exposição Metaflux - duas gerações na arquitectura portuguesa recente, a qual representou Portugal na 9ª Bienal de Arquitectura de Veneza.

PROJECTO QUARTEIRÕES | *PROJECTOS ESPECÍFICOS PARA UM CLIENTE GENÉRICO**



Titulo do Projecto: *“Quarteirões”*

Ano do Projecto: 2001-2005

Localização: Cidade do Porto

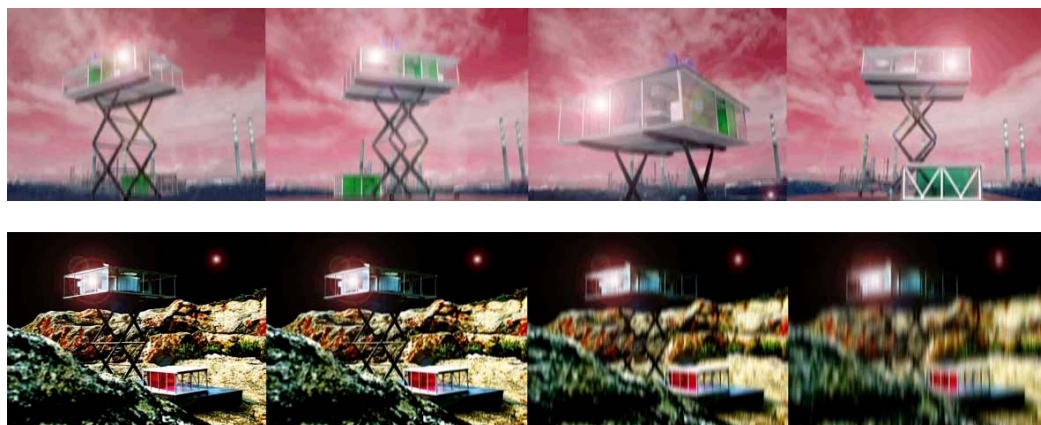
Autor do projecto: Pedro Bandeira

Colaboração: Jorge Brito / Dulcineia Neves dos Santos

Fotografia aérea: Francisco Piqueiro

A cidade do Porto era no final do século XIX uma cidade de quarteirões com interiores ajardinados, isto na representação cartográfica. A realidade, hoje, denuncia a acumulação de construções clandestinas cuja funcionalidade se perdeu ou degrada. O Projecto *“Quarteirões”* legitima a apropriação pública desses espaços com equipamentos de carácter colectivo (piscina, igreja, estacionamento, jardins, camping, etc. ...).

PROJECTO CASA NA ÁRVORE | *PROJECTOS ESPECÍFICOS PARA UM CLIENTE GENÉRICO**



Titulo do Projecto: *"Casa na Árvore"*

Ano do Projecto: 2005

Localização: onde for necessário

Autores do projecto: Pedro Bandeira e Filipe Bandeira (Engenheiro Civil)

Colaboração: Dulcineia Neves dos Santos.

"Casa na Árvore" é um projecto de habitação construído numa plataforma elevatória que permite ao seu utente um isolamento pontual. Modelo "2 em 1", entre o rés-do-chão da "cidade jardim" e a construção em altura da "cidade moderna", proporciona uma evasão semelhante à que as crianças experimentam quando sobem às árvores, ou quando os adultos se descalçam para tocar com os pés na areia.

** Projectos específicos para um cliente genérico não são projectos utópicos, são fisicamente exequíveis e socialmente desejáveis. No entanto o seu índice de realidade não parece ultrapassar a plausibilidade oferecida pelas imagens, talvez porque estas são suficientemente explícitas nas possibilidades que apresentam e nas problemáticas que levantam. Nesse sentido as imagens cumprem um objectivo em si, distanciando-se da ingenuidade que caracteriza a utopia clássica: não se propõe um "outro" mundo, propõe-se "este", pleno de paradoxos e contradições.*